

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

18



Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμερῆς ἐπισημοῦς ἡμερῆς ἐπισημοῦς
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

A última unidade é constituída pelas terracotas (pp. 92-98), e, para terminar de uma forma consentânea com a debilidade do trabalho produzido, diz que a lucerna n.º 92 tem em cima a representação de «uma tartaruga». É um erro inadmissível num catálogo, porque é bem conhecida a tipologia das lucernas egípcias da Época Greco-Romana que apresentam junto do orifício superior de alimentação a imagem de uma rã (estas peças são até designadas pelos especialistas como *froglamps*). Finalmente, lamenta-se que a lanterna de cúpula (n.º 96) seja apresentada como um «altar», e que a bela estatueta de terracota representando o deus Bés (n.º 101) não tenha sido aproveitada para explicar a rica iconografia ligada a esta popular divindade que a boa coroplastia da figura permitia enfatizar.

Restaria assinalar que a tradução de Cláudia Almeida não foi totalmente feliz na adaptação para as formas portuguesas, ficando alguns nomes à moda espanhola, e que o trabalho de fotografia, a cargo de Manuel Santos e Luís Pedrosa, em geral bom, tenha deixado algumas imagens demasiado escuras e outras com tamanhos desproporcionados (conviria atender às medidas das peças, que até vêm indicadas em cada verbete).

Outro aspecto que se lamenta foi a escolha de um diminuto corpo de letra para o volume, opção que se estranha atendendo a que há muito espaço em branco nas páginas, sobretudo nos textos introdutórios, espaço que poderia ser melhor preenchido com texto elaborado num corpo de letra superior (ao menos o corpo 12). Assim como está, obriga desnecessariamente a forçar a vista – e quem sofre é o leitor, que, neste como noutros casos, acaba por ser vítima de «inovadoras» congeminações de gráficos com a mania de serem criativos e «diferentes»... Como se já não bastassem as informações erradas que se colhem nos textos «explicativos» de algumas peças desta muito interessante colecção que merecia um melhor e mais digno tratamento.

Luís Manuel de Araújo

DOUGLAS J. BREWER e EMILY TEETER, *Egypt and the Egyptians*, 2.ª edição, Cambridge: Cambridge University Press, 2007, 256 pp., ISBN 10-0-52161689-1

Este volume vem, em boa hora, actualizar e melhorar a 1.ª edição da obra, que é de 1999, também da Cambridge University Press,

e também esta nova edição foi escrita «for students and the general reader» (p. 1). O texto resultou da colaboração entre um antropólogo, Douglas Brewer, e uma egiptóloga, Emily Teeter. O primeiro é professor de Antropologia na Universidade de Illinois (Urbana) e director do Spurlock Museum, tendo nos últimos anos participado em escavações na região de Mendés, no Delta Oriental, e a segunda é investigadora associada no prestigiado Instituto Oriental da Universidade de Chicago, participando em trabalhos de campo em Guiza e Lucsor.

Após a listagem das ilustrações e dos quadros (pp. VI-X) vem o prefácio (pp. XI-XII), uma síntese cronológica da história do antigo Egito com os seus principais soberanos e um glossário (pp. XIII-XXIII). Note-se que na lista dos reis egípcios os seus nomes estão nas formas onomásticas egípcias que nos últimos anos se têm vindo a divulgar em todo o lado, incluindo no nosso país, deixando as antigas versões gregas. Embora em natural adaptação anglo-saxónica, lá estão os famosos Khufu, Khafré e Menkauré, da IV dinastia, construtores das grandes pirâmides de Guiza (em vez dos helenizados Quéops, Quéfren e Miquerinos), Amenemhat e Senuseret, da XII dinastia (e não os gregos Amenemés e Sesóstris), Amen-hotep (em lugar do errado e intraduzível Amenófis), Psametek (e não Psamético), entre outros.

O capítulo inicial tem por título «An Egyptian revival» (pp. 1-16), lembrando que já nos tempos greco-romanos se viajava para o distante país do Nilo, e alguns de lá voltavam com textos que descreviam a paisagens, os habitantes e os monumentos. Em seguida vem a conquista árabe e a islamização do país, os poucos viajantes europeus dos séculos XVII e XVIII, e a grande acontecimento que foi a expedição napoleónica em finais deste século, que abriu o Egito à Europa. A partir de inícios do século XIX o Egito foi atraindo cada vez mais estudiosos, nascendo a egiptologia em 1822 com os trabalhos pioneiros de Champollion.

Com o capítulo 2 fica o leitor a conhecer o essencial sobre «The river, valley, and desert» (pp. 17-29), começando pelo Delta e seguindo pelo Vale, os oásis e os desertos, incluindo uma resenha histórico-climática do vale do Nilo e o seu contexto cultural, desde a formação do grande rio africano há cinco milhões de anos, sendo o texto enriquecido por mapas e gráficos.

No capítulo 3 é apresentada «A chronology and history of Egypt» (pp. 30-59), do Neolítico (c. 6000-4600 a. C.) à Época Pré-dinástica (c. 4650-3050 a. C.), entrando depois pela Época Arcaica (c. 3050-2686 a. C.) e o Império Antigo (c. 2686-2181 a. C.). Como se vê, as

datações sugeridas apresentam um certo «rigor» cronológico e causam alguma perturbação, a qual continua pelas fases históricas subsequentes: o Primeiro Período Intermediário, Império Médio, Segundo Período Intermediário, Império Novo, Terceiro Período Intermediário e Época Baixa. As datas aqui indicadas baseiam-se em William J. Murnane (*The Penguin Guide to Ancient Egypt*, 1983), e contrastam com outras propostas menos «minudentes», como, por exemplo, a cronologia seguida por Erik Hornung, *History of Ancient Egypt. An Introduction* (1999).

No capítulo 4 é o leitor convidado a visitar «Cities, towns, and villages» (pp. 60-78), estando alguns aglomerados urbanos mais significativos explicitados com mapas da implantação no terreno (Amarna-Akhetaton e Deir el-Medina), tal como as fortalezas da Núbia erigidas na XII dinastia (Buhen e Semna). Depois, a partir de uma interrogação crucial («The Egyptian settlement pattern: city-state or village-state?»), que possibilita uma comparação com o modelo urbano mesopotâmico, os autores concluem que no Egípto a segunda hipótese é mais plausível, dada a dispersão da população ao longo do Nilo e a ausência de grandes centros urbanos de população densa.

«The government and the governed» é o tema do capítulo 5 (pp. 79-97), que se inicia com o rei e a corte, a administração provincial, a lei (isto é, o cumprimento das normas da *maet*, a verdade e a ordem cósmico-social), o crime e as punições, e vários grupos sociais como os militares, o clero, os escribas e letrados, os artistas e artesãos, os camponeses e as formas de recepção dos impostos.

O capítulo 6 trata de «Religion and religious practices» (pp. 98-109), evocando as origens e a natureza dos deuses, o culto, as relações entre *maet*, o rei e os súbditos, o rei e Osíris e os rituais de rejuvenescimento, politeísmo, henoteísmo e monoteísmo. Esta última modalidade nunca existiu no Egípto, pois, como os autores sublinham, a reforma imposta por Akhenaton foi de timbre henoteísta. É verdade que nos textos do período o deus Aton é apelidado de «único», mas isso acontecia com muita frequência em relação a outras divindades – é o caso, por exemplo, da enfatização da unicidade bem vincada em Amon, sem que tal seja monoteísmo.

«Society and its expectations» é o aliciante tema do capítulo 7 (pp. 110-126), a começar pelo casamento, que era apenas «a social arrangement» sem qualquer tipo de cerimónia especial e sem qualquer preocupação pela virgindade da «noiva». A esposa poderia solicitar o divórcio se tal lhe aprouvesse, sendo deveras importante o seu papel

como «dona de casa» (*nebet-per*), na gestação e na criação dos filhos. O capítulo inclui também o vestuário, os adornos e os divertimentos.

Com «Language and writing», no capítulo 8 (pp. 127-141), fica o leitor inteirado acerca do essencial, sendo recordados os principais passos que levaram à decifração dos hieróglifos por Champollion, os princípios da escrita, a literacia, as íntimas relações entre a escrita e a religião, a literatura, terminando com as hipóteses de vocalização do antigo egípcio, um tema ainda em estudo (e, aparentemente, sem conclusão possível).

O capítulo seguinte estabelece uma esclarecedora comparação entre «Homes for the people, the pharaoh, and the gods» (pp. 142-165), com as técnicas de construção e os materiais utilizados, a arquitectura doméstica e os palácios, até aos templos (as casas dos deuses), que têm como expoentes de grandiosidade as construções amonianas de Lucsor e Karnak.

No capítulo 10 surge uma questão bem premente para os antigos Egípcios: «The quest for eternity» (pp. 166-188), com destaque para os túmulos e a sua importância no mundo egípcio, desde as primeiras tumbas da longa fase pré-história e proto-histórica, as sepulturas de funcionários e seus familiares, aos grandes túmulos reais, avultando naturalmente as pirâmides como consequência arquitectónica das iniciais estruturas dos reis da I e II dinastias e do avanço tecnológico experimentado no complexo do Hórus Netjerikhet Djoser em Sakara (III dinastia). No Império Novo os monarcas optaram por grandes hipogeus cavados na rocha (Vale dos Reis), os quais eram complementados por templos funerários.

Numa obra deste cariz não poderia faltar um capítulo dedicado à «Egyptian art: craftsmen, techniques, and conventions» (pp. 189-207), começando com as técnicas e os instrumentos usados pelos artesãos, os princípios de representação seguidos, as formas de representação da figura humana com os seus cânones básicos, a idealização como preservação para a eternidade.

Finalmente, o capítulo 12 remata com uma expectante questão: «Cultural death or transformation of a civilization?» (pp. 208-210). Os autores consideram que muitos dos aspectos fundamentais da cultura egípcia se mantiveram sob o domínio de Gregos e de Romanos, desde a arte e a religião até às formas de interpretação do poder.

No final de cada capítulo desta preciosa obra oferece-se uma pequena bibliografia específica como remate de um pequeno resumo da matéria tratada (summary).

Uma razoável bibliografia é indicada nas pp. 211-224, fechando o volume com um generoso e minudente índice remissivo (pp. 225-255), que muito facilita a consulta deste eficaz e elucidativo instrumento de consulta, do qual tirarão sumo proveito, antes de mais, os alunos universitários que nos seus planos de estudos incluem a civilização que floresceu no Egito faraónico.

Luís Manuel de Araújo

ERIK HORNUNG, CHRISTIAN LOEBEN e ANDRÉ WIESE, *Immortal Pharaoh. The Tomb of Thutmose III*, Madrid: Factum Art, United Exhibits Group, 2005, 200 pp., profusamente ilustrado, ISBN 84-609-7093-0

Este bem paginado álbum foi preparado para acompanhar a exposição dedicada a Tutmés III, um «faraó imortal», e ao seu túmulo no Vale dos Reis, cuja decoração mural é diferente de todos os outros túmulos reais dessa famosa necrópole régia. O rei que é o protagonista da iniciativa museológica foi um dos maiores faraós do Império Novo e mesmo de toda a longa história do Egito. Reinou durante a XVIII dinastia, de 1479 a 1425 a. C. (os primeiros vinte anos em co-regência com Hatchepsut), durante uma era rica em acontecimentos político-militares que alguns consideram ter sido a mais gloriosa do antigo Egito. Tutmés III ficou conhecido por manter as fronteiras do país das Duas Terras eficazmente protegidas contra os inimigos africanos na Núbia e os inimigos asiáticos na Síria-Palestina.

As paredes do túmulo de Tutmés III, sito no Vale dos Reis em Lucsor Ocidental, contêm a primeira descrição completa do «Livro de Amduat» (ou seja, «O que está no Além», na Duat), que descreve o percurso nocturno do Sol e é uma espécie de crónica da viagem do faraó durante as doze horas de escuridão desde o pôr do Sol até ao seu nascer na manhã seguinte. Este texto, de timbre mágico-profiláctico, é como que um manual para alcançar a imortalidade, contendo os encantamentos e fórmulas necessárias para ultrapassar os perigos do mundo inferior. Como nos dizem as paredes do túmulo, esta informação é pertinente tanto para os vivos como para os mortos, «com provas dadas um milhão de vezes». O estilo do «Livro de Amduat» inspirou um género literário a que pertencem o «Livro das Portas», o «Livro das Cavernas», o «Livro da Vaca Sagrada», entre outros. A câmara do sarcófago de Tutmés III, com a sua forma ovalada,